

POESIA ANALÍTICA DA PINTURA DE AFFANDI

No espelho das telas de Affandi,
Riscado com os seus dedos e as suas unhas,
Surgem as imagens;
E os galos em sangue lutam encarniçados,
Transparecem entre os planos do espelho;
Vêm da região limite intermédia do vidro e do estanho;

– Em meio dos galos que combatem voam as plumas
De dois girassóis!

As mãos de Affandi procuram,
Cavam, esgaravatam, uma terra,
Uma terra prestante, presente, fecunda,
Constantemente grávida;
Cavam em busca de uma coisa que se sente estar profunda,
E que foge, e se esquiva quando chega à superfície,
Uma coisa que está ali numa terra de mistério;

– Procuram, cavam, e, entre os dedos
Sujos de tinta
As máscaras aparecem.

A máscara é uma fórmula do rosto
– Abstração da face –
Dentro dela se escondem, se adaptam, se animam:
O brilho de muitos olhos,
O hálito de muitas vidas,
O riso de muitas bocas.

Todo rosto possui a sua mesma e própria máscara:
Aquela com que se morre.

As máscaras pintadas por Ensor e por Affandi
Sobrevivem além do tempo e da morte.

Qualquer multidão pode se acolher, por um instante,
Ao interior das máscaras que acompanham Jesus
Na sua entrada em Bruxelas.
Os rostos de todo um povo
Dominado por vários séculos
Aqui estão nestas máscaras que Affandi encontrou
Na terra das suas cores
No fundo chão do seu país.

O traço pode ser um toque de pincel (signos chineses)
Pode ser um golpe, um risco; gesto, aceno ante-forma,
Pode ser um talho, um corte de cinzel (caracteres cuneiformes)
Mas pode também ser nós, arabescos (topologia)
De onde nasce o ritmo das simetrias, dos imbricamentos, das
[intercessões;

A pintura de Affandi são nós e arabescos,
Traçados sobre planos confundidos num mesmo plano:
Traçados sobre os ramos de uma superfície de Riemann;
Na vibração desses planos fica estacionário e oscilante
O virtualismo do seu desenho,
Que se presente perfeito
– Sensação de coisas dispersas, perturbadas e justapostas,
Poesia tracista rica de elementos.

A ordenação biológica, retínica das cores
É circular, todos nós sabemos;
Por isso Goethe pensou que assim era também a ordenação
[física

Como pensou que a evolução da rosa era um círculo:

– *Estames e pistilos se tornaram pétalas*
Mas a flor ficou estéril para sempre
Pois o seu fruto se fez, apenas, perfume

Na ordenação das cores de Affandi
Circulam, dançam as bailarinas de Bali,
Os espantalhos assustam, os galos combatem;
Aparecem os rostos dos seus amigos, o seu próprio rosto.
Olhemos agora, aqui para este lado:
Dois corpos estão deitados,
Em duas representações espaciais
Em dois instantes da mesma temporalidade;
– É o retrato dual da mãe do artista.
– Mãe indonésia.

Dois girassóis!